



OS DONOS DAS LETRAS NO JORNAL DOS SPORTS – BREVES APONTAMENTOS NA FRONTEIRA ENTRE HISTÓRIA E BIOGRAFIA

ANDRÉ ALEXANDRE GUIMARÃES COUTO¹

1. Questões preliminares

Neste trabalho procuramos apresentar de forma breve as perspectivas de trabalho acerca de nossas fontes, as crônicas esportivas publicadas no *Jornal dos Sports*, no período de 1950 a 1958. Nosso eixo cronológico se justifica por continuarmos nossas pesquisas que se iniciaram no Projeto de Pesquisa “A hora e a vez dos esportes: a criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)” e que resultou em uma Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP).

Se naquela ocasião pretendíamos escrutinar as origens e a consolidação de um periódico esportivo e suas relações com a política interna brasileira, dentre outras questões importantes, nosso projeto atual visa pesquisar as crônicas esportivas deste mesmo jornal ao longo de um período significativo – a década de 1950 - para pensarmos este gênero híbrido na formação de opiniões e na constituição de um processo de fidelização do leitor.

Chegamos até aqui pensando não somente nas características e nuances do nosso objeto e fonte de pesquisa, as crônicas esportivas, mas também em que conjuntura histórica e editorial elas eram publicadas, ou seja, como era o jornal em que os textos eram parte integrante e importante do mesmo, assim como foi relevante conhecer um breve panorama deste tipo de produção literária e jornalística na cidade do Rio de Janeiro.

¹ Professor e Pesquisador do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Mestre em História Social (UERJ/FFP), integra como pesquisador, o SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A partir de agora, poderemos refletir, finalmente, sobre a produção dos nossos cronistas do *JS* e, desta forma, traçar um quadro comparativo das principais formas de estilos textuais das crônicas no referido jornal. Apesar da orientação editorial do *JS* voltada para uma defesa irrestrita do esporte organizado e dos interesses dos clubes do Rio de Janeiro, dentre outras campanhas do jornal, podemos perceber a forma autônoma dos cronistas de contar boas histórias e, portanto, de criação de representações culturais e sociais em torno do universo esportivo.

Nossa hipótese, a central de nosso trabalho, é de que apesar da importância de Mário Filho para a construção de um novo jornalismo esportivo por meio de um diferente modo de noticiar os jogos e os esportes como um todo, na redação de editoriais e na direção do jornal, não devemos acreditar na mitológica interpretação da imprensa (que persiste até os dias atuais) no esquecimento de outros importantes autores/cronistas.

Ou seja, a memória sobre o *JS* e sobre a imprensa esportiva carioca e brasileira tem valorizado a imagem de Mário Filho de tal forma, que a produção das crônicas esportivas, que tanto elevaram o aumento da vendagem dos jornais (esportivos e gerais) são apagados da História por serem, no máximo, considerados coadjuvantes. Não acreditamos nesta interpretação de mão única, sem levar em conta a interação do próprio Mário Filho com os demais autores, na capacidade de uma discussão intersubjetiva entre eles e, também, nas peculiaridades de cada um deles, que dividiam suas identidades literárias e jornalísticas (portanto, híbridas) com seus respectivos leitores.

Mário Filho tinha uma participação muito importante na consolidação da imprensa esportiva brasileira, mas o trabalho de História requer que possamos analisar o passado para além de uma memória, principalmente aquela que teima em se basear no senso comum do jornalismo atual.

Desta forma, procuramos trabalhar com os cronistas que mais se destacavam no *JS*, seja pela repercussão de seus textos, seja pela experiência no trabalho desde a década de 1940 (auge deste gênero híbrido no Brasil), ou ainda pela importância que tinham no mundo do dirigismo esportivo, política e literatura. Não foi um processo fácil a escolha e a delimitação dos cronistas pesquisados. Apoiados em nossa hipótese de acessar e analisar a produção destes autores e contextualizadas com o seu fazer subjetivo híbrido, sabíamos que não

poderíamos trabalhar com todos e, desta forma, deixaríamos de fora do nosso olhar, outros autores relevantes e que muito contribuíram para a elevação do jornal a se tornar um dos principais na imprensa esportiva brasileira. Portanto, apesar das escolhas, comuns em qualquer trabalho acadêmico, chamo a atenção para um quantidade significativa de cronistas que não foram selecionados nesta pesquisa, mas que merecem um aprofundamento sobre suas respectivas produções em trabalhos posteriores (COUTO, 2011; HOLLANDA, 2012).²

É o caso de Manoel do Nascimento Vargas Neto, sobrinho de Getúlio Vargas e remanescente do grupo de cronistas da década anterior. Vargas Neto, como era mais conhecido, era escritor, advogado, político e dirigente esportivo. Escrevia com um estilo bem pontual, procurando dar conta de um discurso literário/jornalístico, conjugado com uma visão bem conservadora e disciplinadora dos esportes. Temos ainda o jornalista Geraldo Romualdo da Silva, que assinava matérias noticiosas além das suas crônicas. Acumulava experiência na cobertura como repórter esportivo desde a primeira gestão do *Jornal dos Sports*, liderada por Argemiro Bulcão no período de 1931-1936. Tinha um estilo mais ágil e dinâmico e procurava, nos textos das crônicas, aprofundar determinadas questões de forma mais opinativa.

Temos, ainda o jurista paraibano João Lyra Filho, autor de dezenas de livros sobre educação, esportes e economia, também era dirigente esportivo (fora presidente do Conselho Nacional de Desportos – CND, no primeiro governo Vargas (1930-1945) e foi ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), além de, posteriormente ter sido o Reitor da Universidade Estadual da Guanabara (UEG, atual UERJ). Seus textos tinham um caráter antropológico/sociológico acerca de temas como a prática da educação física ou a importância da seleção brasileira na formação da nação ou de pelo menos de uma ideia de nação.

Também trabalhamos com José Lins do Rego, literato e também dirigente esportivo, integrando o CND e CBD (Confederação Brasileira de Desportos). Era dono de um estilo muito peculiar, com crônicas curtas, objetivas, diretas e simultaneamente carregadas de emoções e sentimentos como a paixão clubística, por exemplo.

² Cabe informar que apesar do *JS* ser um jornal esportivo importante na história brasileira, surpreendentemente existem poucos trabalhos sobre o mesmo.

Porém, antes de iniciarmos o nosso mergulho pela vida e obra dos cronistas, principalmente nas obras que eram publicadas no *JS*, precisamos refletir, mesmo que brevemente, sobre a importância da relação entre História e a biografia de determinados personagens. Mesmo que a nossa intenção não seja inicialmente aprofundar a biografia dos cronistas e mais precisamente suas obras em determinado periódico, faz-se necessário entender a contribuição desta relação entre a subjetividade proposta pelo indivíduo e a compreensão histórica de uma determinada realidade. Alguns autores, então, nos favorecem com esta análise, nos convencendo da necessidade de mais atenção metodológica sobre as fontes que nos ajudam a reconstruir uma conjuntura histórica.

Como já vimos, percorrer os caminhos híbridos entre a comunicação e a literatura, sem falar nas possibilidades de compreender um pouco mais o fenômeno esportivo, é um dos objetivos de nosso trabalho ao optar pela análise desta rica fonte não só de histórias cotidianas, como da própria disciplina histórica. Todavia, antes de apresentarmos alguns exemplos de nossas fontes com a discussão em torno de determinadas crônicas, faz-se necessário identificar e discutir alguns elementos importantes para a nossa pesquisa. Iniciaremos, portanto, com a questão da relação entre História e biografia.

2. Apontamentos breves sobre História e Biografia

Neste item não pretendemos trabalhar com uma biografia, seja ela histórica ou não, dos nossos cronistas e sim, nos apropriarmos de algumas discussões importantes para a compreensão dos nossos objetos de análise. Se as nossas fontes históricas, as crônicas, são produtos de determinados indivíduos e inseridos em uma dada conjuntura, estes por sua vez dialogam não só com a realidade que procuram retratar, mas, principalmente, com seu público leitor.

Cabem então algumas questões importantes como, por exemplo: quem são estes sujeitos? Como se inter-relacionam com os seus pares? Aliás, quem são seus pares?

Se podemos entender, mesmo que de forma breve, as intencionalidades destes atores sociais, ainda nos cabe compreender um pouco mais sobre suas funções e ocupações sociais para além do jornal. A maioria destes homens, como já informamos, tinha uma série de ocupações e funções sociais e, a partir desta diversidade ocupacional e, também cultural, poderiam construir um conjunto de textos com semelhanças e diferenças, enriquecendo o

diálogo e a própria discussão entre eles. É justamente nesta diversidade e no debate intersubjetivo, que o crescimento do interesse pela leitura e debate sobre as crônicas esportivas encontram no *JS* um palco por excelência. Conforme já comentamos, ocorreu, em certa medida, um processo de fidelização do leitor que acompanhava as páginas dos jornais por conta das crônicas de determinados autores.

Em quem medida, porém, o interesse pelos estudos biográficos se articula com o nosso trabalho, principalmente se já declaramos que não faremos exatamente uma biografia de nossos objetos/sujeitos de análise? Para tentar responder a esta questão, nos apropriamos de uma classificação de biografias realizada por Jacques Revel (REVEL, 2010). Neste trabalho, chama-nos a atenção dois elementos importantes: o primeiro diz respeito à “biografia reconstruída em contexto”. Segundo Revel: “(...) biografias não são nunca a narrativa de uma trajetória individual estudada por si mesma. Elas consistem antes em interrogar-se sobre o que tornou possível e pensável tal trajetória em um dado contexto que é necessário reconstruir” (REVEL, 2010: 235-248).

Desta forma, apesar do nosso foco ser as obras de determinados autores, pensamos que é importante conhecê-los em um contexto mais amplo mesmo porque estamos analisando discursos e narrativas cujas origens nos remetem às subjetividades intrínsecas dos mesmos. No entanto, estas trajetórias pessoais devem ser pensadas em uma conjuntura mais esgarçada, mesmo porque o sujeito só pode ser entendido pela sua relação com os demais, o que nos leva ao conceito de intersubjetividade, que exploraremos mais adiante.

A classificação/explicação de Revel nos remete a uma necessidade de compreender a História como uma ciência que garanta a reconstrução de uma história individual, com toda a importância que esta mesma possui, sem perder de vista as inter(relações) sociais promovidas pelo indivíduo com seus pares e contemporâneos. Pensar biografia, para Revel, e com o qual concordamos, é pensar em sociedade, no coletivo, em não necessariamente, dar conta de uma história pessoal e desfocada do todo.

Também cabe considerar outros usos do trabalho de Revel como o conceito de “biografia reconstruída a partir de um texto” (REVEL, 2010: 244). Apesar do próprio autor nos informar de que esta modalidade é realizada com frequência em textos autobiográficos, o mesmo aponta que nem sempre isto será uma regra. Se pensarmos em nossas fontes de

análise, as crônicas, chegamos a uma breve conclusão: de que o texto poderá ser enquadrado como autobiográfico, a partir do princípio de que o processo de criação do texto, as identidades e idiossincrasias construídas pelas palavras, aliás, a própria escolha das mesmas referem-se a uma opção (ou opções) do autor. Se tal assertiva vale para todos os textos, o que dizer de um gênero literário ou híbrido cuja narrativa transita entre a ficção e a realidade e que necessariamente exige do seu autor uma observação atenta do que ocorre ao seu lado, mesmo que este a transforme em outra coisa?³

Mais uma vez citando Revel, “O alvo visado é de restituir a espessura social de uma biografia a partir de um texto ou de um *corpus* de textos cuja explicação é buscada através de um trabalho de interpretação contextual” (REVEL, 2010: 245). Pensando mais uma vez em nossas crônicas, trataremos os seus autores não somente por suas biografias, ou melhor, não apenas por suas informações biográficas, espaçadas e cheias de interrogações, mas privilegiando as suas obras, suas (re)leituras da cidade e de seus fatos e personagens. As crônicas do *JS* nos possibilitam compreender um pouco mais não só da cidade do Rio de Janeiro, mas também de como parte significativa da imprensa esportiva resignifica valores cariocas em representações sociais e culturais nacionais.⁴

Ao seguirmos esta direção, nos apropriamos de um elemento caro para a própria História: a aproximação com os estudos literários. O que queremos dizer é que a nossa disciplina histórica ainda carece de um diálogo maior com a Literatura sem necessariamente pensarmos em uma narrativa histórica idêntica à narrativa literária (WHITE, 1992).⁵ Para tanto, podemos usar o trabalho de Guilherme Pereira das Neves como suporte aos nossos usos

³ Agradeço a contribuição/sugestão do Prof. Élcio Loureiro Cornelsen, da Faculdade de Letras da UFMG, ao nosso trabalho ao propor o uso de gênero híbrido, mais correto do que o literário, por exemplo, em sua opinião, por conta das interrelações entre o universo da literatura e o da comunicação/mídia. Neste trabalho, e ciente da necessidade de aprofundar esta questão, usamos bastante esta expressão.

⁴ Aqui cabe informar que não só o fato de ser a Capital Federal contribuía para este olhar da imprensa esportiva e mesmo a chamada “grande imprensa”, mas também de como a circularidade das ideias e mentalidades culturais representada pelos eventos que ocorriam na cidade, além de toda a ampliação do campo esportivo, possibilitava a envergadura desta visão cosmopolita.

⁵ A importante obra de Hayden White gerou e ainda gera bastante polêmica por conta da aproximação proposta pelo autor das duas narrativas: histórica e literária/ficcional. Em nossa visão, White incentiva a criatividade do historiador e não propriamente a falência da disciplina histórica enquanto ciência.

(e abusos) biográficos, principalmente quando este autor dialoga neste limite entre História e Literatura. Para ele:

(...) o que distingue a história da literatura ou, se quisermos, a variedade dos sapos que povoam os jardins imaginários dessas duas criações humanas, são os instrumentos a que historiadores e literatos recorrem para assegurar aquela verossimilhança de que falei. Estes, os literatos, não têm limites para sua fantasia e podem, até mesmo, imaginar situações que nunca existiram, como na ficção científica (NEVES, 2011: 82).

Ora, mas e o papel do historiador? Como construir uma narrativa histórica que seja criativa e que ainda possa ser creditada como uma ciência que busca uma verdade? A pergunta, cuja resposta nos parece bem difícil, pode ser pensada com outra orientação de Neves: a de que os historiadores não podem deixar de utilizar um procedimento referencial (NEVES, 2011: 82). Ou seja, o apego às fontes é que nos permitem recriar um passado próximo da verdade. Como nos informa este autor: “(...) as fontes não garantem a realidade do passado, mas impedem que se faça do passado *qualquer passado*.” (NEVES, 2011: 82).

Tendo assimilado esta questão, podemos imaginar que podemos trabalhar com textos literários, ou híbridos (ou ainda no limiar entre a realidade e a ficção) sem precisarmos nos justificar em relação aos seus usos, desde que os cuidados instrumentais e metodológicos sejam devidamente respeitados. As crônicas são fontes riquíssimas por conta de sua natureza específica e também pela sua capacidade de interação subjetiva com o leitor.

Neves conclui seu trabalho informando que “(...) toda história e toda a literatura é – alargando-se bastante o conceito da palavra – uma biografia, no sentido de que constituem esforços para recuperar o que há de individual, de particular, no *outro*: num indivíduo, sim, mas, também num evento, numa situação, num período.” (NEVES, 2011: 83).

Apesar do próprio aviso do autor de que o conceito foi bastante ampliado, é um ponto para que possamos refletir: se o significado oriundo da língua grega e que quer dizer, no final das contas, de que é a “escrita da vida”, seja de uma ou mais pessoas, a assertiva de Neves faz bastante sentido, tendo em vista que a História se propõe a contar não qualquer coisa e em qualquer lugar e tempo, mas principalmente a História de alguém, a História dos outros, e, portanto, a História do vivido.

Finalmente, podemos pensar que se as crônicas contam muito sobre os seus respectivos autores, estas mesmas podem nos trazer mais informações ainda sobre a vida de

quem é narrado, citado, comentado ou representado nas colunas diárias do *JS*, por exemplo. Pensando neste conceito mais alargado, podemos utilizar as crônicas como fontes para compreender a própria “biografia da cidade” ou, pelo menos, uma história biográfica da vida esportiva desta mesma cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas: EdUnicamp, 2009.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BRESCIANI, Maria Stella. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – Fundamentos de um lugar-comum”. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas: EdUnicamp, 2009.
- CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- NEVES, Guilherme Pereira das. *História, teoria e variações*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.
- REVEL, Jacques. “A biografia com problema historiográfico”. In: *História e historiografia. Exercícios críticos*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010.
- WHITE, Hayden. *Meta-história. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.